

**ESTEVAM DE OLIVEIRA** — Estevam José Cardoso de Oliveira nasceu em Pirai em 28 de janeiro de 1853 e faleceu em Juiz de Fora em 11 de agosto de 1926. Trabalhador de enxada, pobre, paupérrimo, viveu dolorosa mocidade entre angústias, não apenas para sustento próprio, mas na assistência aos seus. Nas agruras do trabalho, de sol a sol, vivia em meditação. Aos vinte e um anos de idade, era ainda analfabeto. Decidiu-se a enfrentar duas leguas, diariamente, e o fazia a pé, para frequentar a escola primária. Em pouco tempo estava senhor do que ardentemente desejava: ler correntemente. Avido de saber, nas folgas do trabalho, estudava muito. Transportou-se para Juiz de Fora, dedicando-se ao latim e a outras disciplinas. Aos quarenta anos, estava o antigo e pobre roceiro de Pirai dono do idioma de Cícero. Era um mestre. Jornalista vibrante, polemista impetuoso, doutrinador, atirou-se às grandes causas: propaganda republicana, abolição do escravatura e intensificação do ensino. Inspetor escolar, foi inexcelável no desempenho de suas funções. Fundou o "Correio de Minas", batendo-se por Rui Barbosa, mais tarde. Tornou-se adversário de Cesário Alvim, defendendo a causa de Floriano Peixoto. Aos poucos seu nome era citado com respeito. Escrevia nos grandes jornais do Rio, como "O País" e "A Imprensa". Chegou a conhecer os amargores da prisão. A muitos parecia homem versátil, contraditório, e nunca o foi. Florianista, queria a consolidação da República. Anti-militarista, queria o predomínio do civilismo. Eis tudo. Foi eleito para a Academia Mineira de Letras em 25 de dezembro de 1909, quando os doze primitivos membros da instituição ampliaram o quadro para trinta. A glória desse mineiro adotivo está exatamente em dois pontos essenciais: a tenacidade por vezes áspera com que lutou pela vida e a sua marcada e brilhante vocação humanística. Deixou numerosas traduções de autores latinos. Escreveu "Pela República", "Notas e Epístolas" e "Rudimentos de História Pátria". Animo ardorosamente combativo, fechado em silêncio, que lhe marcava a origem de rapaz sofredor nas labutas da terra, tomava decisões irrevogáveis e ia sempre direto ao que desejava. Pouco antes de falecer, renunciou a cadeira que ocupava na Academia, mas a renúncia nunca foi aceita. A solução final foi a sua morte, renúncia eterna, a que a Academia se rendeu, sentindo-a profundamente, dada a singularidade do vulto que desaparecia. Expressão rara de tenacidade, Estevam de Oliveira poderia ter defeitos, que, afinal, seriam as suas qualidades de grande lutador, exemplo magnífico para os que seguem a formosa sentença de Confúcio: "Se eu luto, eu venço".



Estevam de Oliveira

158

**ABILIO BARRETO** — Abílio Velho Barreto nasceu em Diamantina em 22 de outubro de 1883. Estudou as primeiras letras na terra natal, aprendendo o alfabeto pelas lições de seu colega Aires da Mata Machado. Transferindo-se para o antigo Curral del Rei em 22 de setembro de 1895, viu nascer a Capital de Minas — Belo Horizonte. Começou humildemente como comerciante, passando a distribuidor do jornal "Belo Horizonte", o primeiro que se fundou na cidade em construção. Passou depois a distribuidor de "A Capital", segundo jornal que se fundava na época. Trabalhou como contínuo em uma das seções da Nona Divisão da Comissão Construtora da nova Capital. Estudou alguns preparatórios parcelados, mas não fez o curso superior, em virtude de dificuldades na luta pela vida. Fez-se autodidata. Ingressou aos



Abílio Barreto

dezenove anos na Imprensa Oficial como aprendiz de tipógrafo, percebendo o salário de cinquenta centavos por dia. Passou a tipógrafo, conferente de revisão, revisor, chefe de revisão, exercendo algumas vezes a redação do "Minas Gerais", órgão oficial do Estado. Foi em 1917 para a Secretaria das Finanças, recebendo honroso elogio de Mario de Lima, então diretor da Imprensa Oficial. Comissionado para organizar e dirigir a Feira de Gado de Paraisópolis, permaneceu na cidade sulina algum tempo, tendo fundado "O Paraisópolis" e o "Clube Literário e Recreativo Sueno de Paiva". Da Secretaria de Finanças passou para o Arquivo Mineiro. Promovido a primeiro oficial, aposentou-se no cargo em 1934, após trinta e cinco anos de serviços ao Esta-

do. Em 1935, dirigiu o expurgo e a organização do Arquivo Municipal e em 1941 dirigiu e organizou o Museu Histórico de Belo Horizonte. Colaborou em quase todos os jornais e revistas de Belo Horizonte, tendo fundado com Vasco de Azevedo a revista "Vida de Minas" que em outras mãos passou a ser "A Vida de Minas". Foi um dos fundadores do "Grêmio Literário Julio Ribeiro", de que foi vice-presidente durante muitos anos. Representou o governo de Minas nas comemorações do cinquentenário do Cérco da Lapa e no Congresso da Revolução de 1894, no Paraná. Foi presidente da Comissão promotora das solenidades comemorativas do Cinquentenário da Capital mineira. Exerceu ainda o cargo de Secretário da Prefeitura de Belo Horizonte, em 1946. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Instituto Histórico de Ouro Preto, à Academia Fluminense de Letras, ao Instituto de Estudos Diamantinos. Poeta, romancista, historiador, publicou "Vernais", "Coralinas", "Matizes", "Lys", "A última serenata", "Cromos" (poesias), "Estevam de Oliveira", "Silva Alvaenga" (discursos); "Fundação do Curral del Rei", "Belo Horizonte", memória histórica e descritiva, "Belo Horizonte" documentos de sua história, "Documentos preciosos para a história de Minas Gerais", "Sumário de Códice", "Índice do Códice n. 12", "Diamantina e descobrimento dos diamantes", todos trabalhos de história, alguns dos quais em segunda edição, "A Noiva do Tropeiro", romance, que se encontra na segunda edição. "Cromo" alcançou terceira edição. Publicou também "A Avó, peça teatral. Tem inéditos numerosos cadernos, entre os quais "História do Caminho Novo e Juiz de Fora", "Belo Horizonte", "Memória Histórica e Descritiva — Período Contemporâneo" (história), "Dolores" (romance em cartas), "Sua Excelência o Amor" (teatro), "Contos e Fantasias" e "Palestras Literárias". Abílio Barreto é a história viva de Belo Horizonte e, por isso, autoridade única, testemunha presencial de todos os primórdios da formação da Capital mineira. O menino pobre, que morava numa casinha coberta de zinco, à extinta rua Santana, que ficava pouco abaixo do lugar em que hoje se encontra o Palácio da Liberdade, fez-se pelo próprio esforço, para se tornar a individualidade respeitada e querida. Poeta delicadíssimo, que rivaliza vantajosamente com Bernardo Lopes, superando-o por vezes, revela em tudo entranhado amor às coisas de Minas. É uma vida que vale como exemplo — e que exemplo! — o da tenacidade que não esmorece, nunca, e o da bondade que parece dizer o que dizia Tomás Antonio Gonzaga: — tenho o coração maior que o mundo!"